

Morfologia dos lagos, lagoas e cacaiais da Amazônia

NOTAS

Os lagos da Amazônia não se caracterizam pelo volume permanente de suas águas, nem pela profundidade. Sofrem oscilações consideráveis de nível, conforme a época do ano. Acompanham o regime dos rios, quer quando são tributários destes no verão, quer quando se tornam recipiendários, no inverno.

Entre a plenitude do elemento líquido e a sua maior baixa, vamos encontrar, na latitude da calha principal e suas proximidades, digamos no porto de Manaus, uma diferença anual de 9, 10, 11 e 12 metros. Nos anos, das mais rigorosas estações, essas diferenças são assombrosas, embora excepcionais. Lembremos que a 18 de junho de 1922 a quota da enchente do Rio Negro foi de 29,355m sobre o nível do mar, enquanto que a 13 de novembro havia descido a 14,200 m, oferecendo, assim, uma oscilação de 15,155m.

Ora, os lagos da Amazônia, não sendo profundos, pois não passam de depósitos nas pequenas depressões do solo, tantas vezes vastas no sentido horizontal, sofrem contingência do referido volume e de aspecto dignos de registro. No apogeu do inverno, acompanhando o regime do rio mais vizinho, esses lagos tornam-se vastíssimos, "pequenos mares de água doce". Mas, no rigor do estio, desaparecem, deixando apenas um canal que serpeia no campo de gramíneas que ali surgem, após a evasão das águas. O que era o leito daquele suposto mar, seis meses depois está transformado no uni-

forme lençol verde, sobre o qual as garças, os maguarrís, as jaçanãs adejam aos bandos.

Meros reservatórios, não merecem o nome de lagos, no sentido que lhes dá a geografia, sejam grandes ou pequenos. Acontece porém que, na Amazônia, os nativos não empregam a designação de lagoas. Para eles, todos são lagos. Convém acentuar que os de menores dimensões se acham cercados de varzeados, visíveis nas clareiras das florestas, enfileirando-se ou agrupando-se, às centenas e, mesmo, aos milhares, ao longo dos cursos dos rios de cujo sistema fazem parte, apenas deles separados pelos dorsos das margens. Alguns desses lagos encham ou vazam por meio de paranás ou furos, que correm para dentro no inverno e para fora no verão. Os outros, que não possuem esses meios de comunicação, fazem a alternativa por infiltração, verdadeira osmose hidrográfica, prevalecendo-se da porosidade das terras marginais.

É o próprio trabalho das correntes fluviais que, estruturando o litoral ou costa, dá origem a esses lagos.

Vê-se que, no vai-e-vem das águas, as camadas sedimentares se acumulam muito mais na linha em que se operam o afluxo e o refluxo das citadas correntes, o que sempre acontece nas costas. Para além, isto é, rumo dos igapós, as terras são tão baixas que nivelam com o leito do rio. Explica-se, desse modo, a existência dos dédalos de lagos que seguem, em cada zona marginal, a caudal que lhes mantém o sistema potâmico e que, por sua vez, lhes estabelecem a hidrostática.

Compreende-se, também, porque, no interior das ilhas formadas de aluviões, há sempre um ou mais lagos, pois não deixa de existir aí a depressão do solo, em face dessa elevação ou dorso de que atrás falamos.

Na formação dos lagos, não ocorrem, na Amazônia, outros fenômenos. Podemos repetir: todos são potâmicos, na incessante luta das águas com as terras. Dasquelas, em quantidade e movimento descomunais e, destas, nas zonas onde o trabalho de erosão é o de visível equilíbrio das forças da natureza.

Queremos supor que esses lagos resultantes de erosões violentas, formados, algumas vezes, em períodos menores de vinte anos, desaparecerão um dia, não distante, pelo entulhamento a que estão sujeitos, em virtude das mesmas erosões, como Saturno devorando os filhos e criando outros, num propósito de imperativa renovação da vida.

Os lagos de mais vastas proporções mantêm-se já estáveis. Defendem-se por si, em muitos casos apoiados em terras firmes de um lado e de varzeados do lado oposto. Costumam receber a vassalagem de outros menores, seus satélites, que lhes mandam seu tributo, principalmente daquele a que os caboclos chamam o "rio da cabeceira".

As "cacaiais" não passam de braços de lagos cujo leito se abateu, fazendo mergulhar as raízes das árvores que, logo, morrem, dando-lhe a aparência desoladora de um antigo incêndio. Esse leito alargou-se, ficando, porém, todo obstruído pelas piranheiras desganhadas. Um canal passa-lhe em sentido longitudinal, agasalhando abundância de peixes, jacarés, cobras e quelônios, onde não é fácil apanhá-los.

Chamam-se também "cacaiais" aos laguinhos dos campos, quando mantidos por infiltração e pelas águas pluviais. Não secam nos maiores verões.

Rio, janeiro de 1953.

AGNELLO BITTENCOURT